

FRANS DE WAAL

A era da empatia

*Lições da natureza para uma
sociedade mais gentil*

Com desenhos do autor

Tradução

Rejane Rubino



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Frans de Waal

Tradução publicada mediante acordo com Harmony Books,
uma divisão da Random House, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The age of empathy

Capa

Luciana Facchini

Foto de capa

Museu de História Natural, Nova York, s/d

© Martin Shields/ Photoresearchers/ LatinStock

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Arlete Zebber

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Waal, Frans de

A era da empatia : Lições da natureza para uma sociedade mais
gentil / Frans de Waal ; com desenhos do autor ; tradução Rejane
Rubino. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The age of empathy.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1763-5

1. Empatia 2. Empatia - Aspectos sociais I. Título.

10-10522

CDD-156.241

Índice para catálogo sistemático:

1. Empatia : Psicologia comparada 156.241

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Prefácio	9
1. Biologia, esquerda e direita	11
2. O outro darwinismo	46
3. Conversas entre corpos	72
4. No lugar do outro	124
5. O elefante na sala	170
6. Justiça seja feita	224
7. Pau torto	284
Notas	319
Referências bibliográficas	353
Agradecimentos	377
Índice remissivo	387

1. Biologia, esquerda e direita

*Mas o que é o governo em si, senão a maior de todas as reflexões sobre a natureza humana?*¹

JAMES MADISON, 1788

Somos nós os responsáveis pela guarda de nossos irmãos? Deveríamos ser? Ou essa função apenas atrapalharia os propósitos pelos quais estamos aqui na Terra — para produzir e consumir, segundo os economistas; para sobreviver e nos reproduzir, segundo os biólogos? Que essas duas visões pareçam tão semelhantes não é uma simples coincidência, uma vez que surgiram aproximadamente na mesma época e no mesmo lugar, em meio à Revolução Industrial inglesa. As duas adotam como princípio a ideia de que a competição é saudável.

Pouco tempo antes, e ligeiramente mais ao norte, na Escócia, o pensamento era outro. Adam Smith, o pai da economia, compreendia melhor do que ninguém que a luta em defesa de nossos interesses pessoais necessita ser temperada pelo sentimento de solidariedade. Ele defendeu esse ponto de vista em *A teoria dos*

sentimentos morais, um livro muito menos conhecido do que *A riqueza das nações*. Smith iniciou seu primeiro livro com uma frase memorável:

Por mais egoísta que se possa admitir que seja o homem, é evidente que existem certos princípios em sua natureza que o levam a interessar-se pela sorte dos outros e fazem com que a felicidade destes lhe seja necessária, embora disso ele nada obtenha que não o prazer de a testemunhar.²

Os revolucionários franceses cantaram a *fraternité*, Abraham Lincoln invocou os laços que unem as pessoas e Theodore Roosevelt afirmou com ardor que a solidariedade é “o fator mais importante na produção de uma vida política e social saudável”. Mas se isso é verdade, então por que esses sentimentos são muitas vezes ridicularizados e chamados — ora essa — de sentimentais? Um exemplo recente disso ocorreu depois que o furacão Katrina atingiu o estado da Louisiana em 2005. Enquanto a população americana encontrava-se paralisada de horror pela catástrofe sem precedentes, um canal de notícias na tv a cabo julgou apropriado questionar se a Constituição americana de fato prevê a assistência à população em situações de desastre. Um convidado do programa chegou a dizer que a miséria dos outros não é da nossa conta.

Por um acaso, no dia em que os diques se romperam eu tinha viajado de Atlanta ao Alabama para apresentar uma palestra na Auburn University. Exceto pela queda de algumas árvores, essa região do Alabama sofrera poucos danos. Mas o hotel estava apinhado de refugiados da tragédia. Os quartos estavam lotados de avós, crianças, cachorros e gatos. Ao acordar, no dia seguinte, me senti num verdadeiro jardim zoológico! Não que se trate de um lugar estranho para um biólogo, mas isso dava uma ideia da dimensão da calamidade. E essas eram as pessoas que tinham sido

abençoadas pela sorte. O jornal da manhã na minha porta clama-va “Por que fomos abandonados como animais?”, citando o de-sabafo de uma das pessoas que haviam ficado presas durante dias, sem comida e submetidas às piores condições de higiene, no Su-perdome de Louisiana.

Discordei dessa manchete, não por considerar que não havia do que reclamar, mas porque os animais não necessariamente aban-donam uns aos outros. A minha palestra era exatamente sobre esse tema, o nosso “primata interior” — que não é nem de longe tão insensível e torpe como se costuma apregoar —, e sobre a naturali-dade da empatia na nossa espécie. Mas eu não estava afirmando que a empatia sempre encontra expressão. Milhares de pessoas haviam fugido de carro de Nova Orleans, deixando os doentes, os velhos e os pobres entregues à própria sorte. Em certos lugares, cadáveres flutuavam na água e eram devorados pelos jacarés.

Mas imediatamente depois do desastre houve também um profundo constrangimento no país em relação ao que havia ocor-rido e uma corrente inacreditável de esforços de socorro às vítimas. A solidariedade não estava ausente — apenas havia demorado a se manifestar. Os americanos são um povo generoso, embora sejam educados com a crença equivocada de que a “mão invisível” da economia de livre mercado — uma metáfora introduzida pelo mes-mo Adam Smith — cuidará dos infortúnios da sociedade. Mas a mão invisível não fez nada para impedir as cenas estarrecedoras de “sobrevivência dos mais aptos” em Nova Orleans.

A face oculta e cruel da riqueza de um país é que às vezes ela se produz às custas do investimento público, criando uma gigan-tesca classe de desfavorecidos com a qual ninguém se importa. O Katrina expôs o ponto fraco da sociedade americana. Em meu retorno a Atlanta me ocorreu que esse é o grande tema de nossos tempos: o bem comum. Tendemos a dar atenção às guerras, às ameaças terroristas, à globalização e a escândalos políticos insig-

nificantes, quando a questão mais importante é saber de que modo combinar uma economia próspera com uma sociedade humanitária. Isso tem relação com a saúde pública, a educação, a justiça e — como ilustrado pelo Katrina — a proteção contra a natureza. Os diques em Louisiana tinham sido criminosamente negligenciados. Nas semanas que se seguiram à inundação, a mídia encarregou-se de apontar os culpados. Seria a culpa dos engenheiros? O dinheiro público fora desviado? O presidente não deveria ter interrompido as suas férias? No país onde nasci, um dedo pode salvar um dique, ou, pelo menos, é o que diz a lenda. Boa parte da Holanda fica até seis metros abaixo do nível do mar. Por esse motivo, os diques são tão sagrados que os políticos não têm, literalmente, poder algum de decisão sobre eles. Quem cuida de sua segurança são os engenheiros e as comissões locais de cidadãos que já funcionavam antes mesmo que a Holanda existisse como um país.

Pensando bem, isso reflete também uma desconfiança em relação ao governo, não exatamente ao papel ativo do Estado, mas à falta de visão da maioria dos políticos.

O ESPÍRITO EVOLUCIONÁRIO

O modo como as pessoas organizam a sociedade talvez não pareça o tipo de assunto com que um biólogo deva se preocupar. O certo seria eu me interessar pelo pica-pau-bico-de-marfim, pelo papel dos primatas na disseminação da aids ou do Ébola, pelo desaparecimento das florestas tropicais, ou se evoluímos ou não dos grandes primatas. Embora esta última questão continue a ser objeto de discussão para algumas pessoas, houve uma mudança radical na opinião do público quanto ao papel da biologia. Vai longe o tempo em que E. O. Wilson levou um balde de água fria

na cabeça depois de uma conferência sobre as relações entre o comportamento animal e o comportamento humano. Os paralelos com os animais são mais aceitos hoje em dia, o que facilita a vida dos biólogos. Daí minha decisão de avançar um passo a mais e ver se a biologia pode lançar alguma luz sobre a sociedade humana. Se isso significa entrar em controvérsias políticas, então, que seja. A verdade é que a biologia já faz parte delas. Todo debate sobre a sociedade e o governo parte de enormes pressuposições sobre a natureza humana, apresentadas como se elas derivassem diretamente da biologia. Mas isso quase nunca é verdade.

Os adoradores da competição aberta, por exemplo, estão sempre invocando a evolução. A “palavra com e”^{*} entrou até no famigerado “discurso da ganância” de Gordon Gekko, o especulador implacável interpretado por Michael Douglas no filme *Wall Street*, de 1987:

O que interessa, senhoras e senhores, é que a “ganância” — por falta de uma palavra melhor — é boa. A ganância funciona. Ela esclarece as coisas, ela resolve e capta a essência do espírito evolucionário.

O espírito evolucionário? Por que razão as premissas sobre a biologia estão sempre do lado negativo? Nas ciências sociais, a natureza humana é representada pelo velho provérbio hobbesiano *Homo homini lupus* (“O homem é o lobo do homem”), uma afirmação questionável sobre a nossa espécie baseada em premissas falsas sobre uma espécie diferente. Por essa razão, um biólogo que se interesse em explorar a relação entre a sociedade e a natureza

^{*} No original, *e-word*, expressão que alude às controvérsias em relação ao ensino da teoria evolucionista (e até mesmo ao emprego da palavra “evolução”) nas escolas americanas. (N.T.)

humana não estará realmente fazendo nada de novo. A diferença é que em vez de tentar justificar um modelo ideológico em particular, o biólogo tem um interesse genuíno em compreender o que é a natureza humana e qual a sua origem. Será que o espírito evolucionário se resume à ganância, como advogou Gekko, ou haverá mais coisas em jogo?

Os estudantes de direito, economia e política carecem dos instrumentos para examinar a sociedade humana com alguma objetividade. Com o que poderão compará-la? Raramente (ou talvez nunca) eles consultam o vasto conhecimento sobre o comportamento humano acumulado pela antropologia, pela psicologia, pela biologia ou pela neurociência. Em poucas palavras, a resposta encontrada por essas disciplinas é de que os homens são animais gregários, altamente cooperativos e sensíveis à injustiça, belicosos às vezes, mas na maior parte do tempo amantes da paz. Uma sociedade que ignore essas tendências não poderá funcionar bem. É verdade que somos também animais movidos a incentivos, preocupados com o prestígio social, com o território e com a segurança alimentar, de modo que toda sociedade que despreze essas tendências tampouco poderá funcionar adequadamente. A nossa espécie tem um lado social e um lado egoísta. Mas dado que seu lado egoísta é o pressuposto dominante, pelo menos no Ocidente, vou me concentrar principalmente no primeiro, no papel da empatia e da conexão social.

Pesquisas novas e estimulantes sobre as origens do altruísmo e da justiça têm sido realizadas tanto em seres humanos como em outros animais. Por exemplo, se dois macacos receberem recompensas muito diferentes pela mesma tarefa, aquele que ficar em desvantagem simplesmente se recusará a executá-la. Também na nossa espécie os indivíduos se recusam a aceitar um salário que eles considerem injusto. Uma vez que *todo* pagamento, seja ele qual for, é maior do que nenhum pagamento, isso significa que os

macacos, assim como as pessoas, não seguem o princípio do lucro ao pé da letra. O protesto dos macacos contra a desigualdade comprova tanto a importância dos incentivos quanto a aversão natural à injustiça por parte desses animais.

A despeito disso, estamos de certa forma cada vez mais próximos de nos tornar uma sociedade absolutamente desprovida de solidariedade, em que um grande número de pessoas podem contar que receberão um tratamento injusto. Conciliar essa tendência com os bons e velhos valores cristãos, como a preocupação com os pobres e os doentes, talvez pareça uma causa perdida. Uma estratégia corriqueira é a de se acusar as vítimas. Se se pode atribuir aos pobres a responsabilidade por sua pobreza, os demais ficam isentos de culpa. Foi isso que permitiu que, passado um ano do Katrina, Newt Gingrich, um conhecido político conservador, recomendasse uma investigação sobre a “falta de cidadania”³ dos que não haviam logrado escapar do furacão.

Os que enfatizam a liberdade individual quase sempre consideram os interesses coletivos uma ideia romântica, coisa de maricas e comunistas. Eles preferem a lógica do “cada um por si”. Por exemplo, em vez de gastar dinheiro em diques para proteger uma região inteira, por que não deixar que cada um cuide da própria segurança? É exatamente isso que uma nova empresa na Flórida está fazendo, ao oferecer o aluguel de assentos em jatos particulares para retirar as pessoas de locais ameaçados por furacões. Desse modo, aqueles que puderem arcar com esse custo não precisarão fugir de carro, com o resto do populacho, a oito quilômetros por hora.

Toda sociedade tem que lidar com essa atitude “primeiro eu”. Eu a observo todos os dias, bem diante dos meus olhos. E aqui não me refiro às pessoas, mas aos chimpanzés no Centro Nacional de Pesquisa Yerkes sobre Primatas, onde trabalho. Em nossa estação de campo próxima a Atlanta, os chimpanzés vivem em grandes

cercados ao ar livre. Às vezes lhes damos alimentos que podem ser repartidos, como melancias. Quase todos os chimpanzés querem ser os primeiros a apanhar o alimento, pois isso, uma vez garantido, é muito raro que os outros o tirem de suas mãos. O direito à posse é realmente respeitado, a ponto de até mesmo o macho dominante permitir à fêmea da mais baixa posição hierárquica manter o alimento do qual se apoderou. Os animais que estão de posse da comida geralmente são abordados pelos outros, que pedem um pedaço estendendo a mão (com o mesmo gesto universal com que os humanos pedem esmola). Eles imploram e choramingam, lamuriando-se diante do outro. Se o dono do alimento não entrega os pontos, os pedintes às vezes perdem as estribeiras, gritando e rolando no chão como se o mundo estivesse prestes a acabar.

O importante aqui é que tanto o direito à posse quanto o compartilhamento da comida são observados. No final, quase sempre em menos de vinte minutos, todos os chimpanzés do grupo terão recebido algum alimento. Os que haviam se apoderado do alimento o repartem com seus melhores amigos e a família deles, que por sua vez também a dividem com os melhores amigos e suas famílias. É uma cena bastante pacífica, embora uma certa dose de conflito pelas posições na hierarquia também esteja presente. Ainda me recordo de um cinegrafista que, depois de filmar uma dessas sessões, virou-se para mim, dizendo: “Eu devia mostrar esse filme aos meus filhos. Eles aprenderiam alguma coisa com isso”.

Por isso, não acredite em ninguém que saia por aí afirmando que uma vez que a natureza se baseia numa



Os chimpanzés imploram por uma porção do alimento com o mesmo gesto, típico da nossa espécie, de estender a mão com a palma virada para cima.

luta pela vida, só resta a nós, os humanos, viver dessa maneira. Muitos animais sobrevivem cooperando e compartilhando os recursos, e não aniquilando-se uns aos outros ou conservando tudo para si mesmos. Isso se aplica mais claramente aos animais que caçam em bando, como os lobos e as orcas, mas também aos nossos parentes mais próximos, os primatas. Um estudo desenvolvido no Parque Nacional de Tai, na Costa do Marfim, constatou que os chimpanzés cuidavam dos companheiros feridos por leopardos: lambiam o sangue, removiam cuidadosamente a sujeira e impediam as moscas de chegar perto das feridas. Eles faziam a proteção dos companheiros machucados e se deslocavam mais devagar quando estes tinham dificuldade para acompanhá-los. Isso faz sentido, uma vez que existem razões para que os chimpanzés vivam em grupo, do mesmo modo como existem razões para que os lobos e os humanos vivam em grupo. Se o homem é o lobo do homem, isso é verdadeiro em todos os sentidos, e não apenas no sentido negativo. Não seríamos o que somos hoje se nossos ancestrais tivessem vivido isolados uns dos outros.

O que necessitamos é de uma completa reformulação dos nossos pressupostos sobre a natureza humana. Muitos economistas e políticos assumem como modelo da sociedade humana a luta permanente que julgam existir na natureza, o que não passa de uma projeção. Como os mágicos, primeiro eles jogam seus preconceitos ideológicos dentro da cartola da natureza, para então tirá-los de lá pelas orelhas, mostrando que a natureza corresponde ao que eles pensam. Já caímos nesse truque por um tempo longo demais. Obviamente, a competição faz parte do cenário, mas os humanos não podem viver somente de competição.